

DOCÊNCIA E INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DESAFIOS FORMATIVOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Kamilla Nunes e Souza¹

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva (PROFEI – UNESP).

Professora de classe especial na Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu/RJ – Brasil.

kamilla.nunes@unesp.br

Linha: Práticas e Processos Formativos de Educadores para Educação Inclusiva

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) ocupa um lugar estratégico no sistema educacional brasileiro ao garantir o direito fundamental à educação a sujeitos cujos percursos escolares foram interrompidos por múltiplas formas de exclusão social. Apesar de sua função social essencial, a modalidade permanece historicamente marcada por políticas fragmentadas, baixo reconhecimento institucional e menor visibilidade acadêmica quando comparada precisamos rever a questão do às demais etapas da educação básica. Esse cenário se agrava no campo da educação inclusiva, especialmente no que se refere à escolarização de jovens, adultos e idosos público-alvo da educação especial, cuja presença na EJA revela trajetórias marcadas por evasão, estigmatização e fracasso escolar.

A produção científica sobre educação inclusiva, embora ampliada nas últimas décadas, concentra-se majoritariamente no ensino regular, deixando a EJA em posição de invisibilidade teórica e política (Haas, 2015, 2024). Como consequência, a inclusão nessa modalidade tende a se restringir à matrícula formal, sem o desenvolvimento de práticas pedagógicas efetivamente inclusivas, políticas de permanência e estruturas institucionais adequadas. Nesse contexto, a formação docente emerge como um dos principais pontos de fragilidade do processo de inclusão. Estudos indicam que a formação inicial permanece excessivamente teórica e desarticulada da prática, enquanto a formação continuada se organiza, em geral, de forma pontual, descontextualizada e distante das demandas reais dos professores em serviço (Otalara; Dall'Acqua, 2016; Silva; Perez Campos, 2018; Bueno; Oliveira, 2022, 2023). Como consequência, a perspectiva inclusiva perde densidade e se converte, em muitos casos, em práticas de integração. (Mantoan, 2015).

Essa fragilidade formativa contribui para a permanência de práticas que confundem inclusão com integração, deslocando a responsabilidade da adaptação para o estudante e não para a escola, o currículo e as práticas pedagógicas. Tal lógica reforça desigualdades e impede a consolidação de uma perspectiva inclusiva que reconheça a diversidade como constitutiva da EJA. Frente a esse cenário, torna-se necessário compreender como os processos formativos dos docentes da EJA se constituem e de que forma se traduzem em práticas pedagógicas inclusivas no cotidiano escolar.

Assim, este trabalho apresenta uma pesquisa em andamento que tem como objetivo analisar como se constituem os processos formativos (iniciais e continuados) de professores da Educação de Jovens e Adultos que atuam na educação especial no município de Nova Iguaçu/RJ, identificando como esses processos se traduzem em práticas pedagógicas inclusivas.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória (Gil, 1999), fundamentada na perspectiva da pesquisa-formação. Os participantes do estudo são professores que atuam na EJA com estudantes público-alvo da educação especial na rede municipal de ensino de Nova Iguaçu/RJ. Os procedimentos metodológicos envolvem análise bibliográfica e documental, entrevistas semiestruturadas e realização de grupo focal, com o objetivo de compreender trajetórias formativas, percepções sobre inclusão, práticas pedagógicas e desafios enfrentados no cotidiano escolar.

O material empírico produzido será analisado por meio da Análise de Conteúdo, com base nos pressupostos de Bardin (2016), buscando identificar categorias emergentes relacionadas à formação docente, às práticas inclusivas e às condições concretas de escolarização na EJA. A pesquisa encontra-se em andamento, em fase inicial de produção e organização dos dados empíricos, respeitando os preceitos éticos previstos para pesquisas com seres humanos.

Resultados e discussões

Os resultados parciais indicam a existência de fragilidades estruturais nos processos formativos dos professores da EJA no que se refere à educação inclusiva. Evidencia-se que a formação inicial apresenta pouca articulação com a realidade da modalidade e com as especificidades dos sujeitos jovens, adultos e idosos com deficiência. A formação continuada, por sua vez, tende a ocorrer de forma episódica, descontextualizada e baseada em modelos externos à escola, o que limita sua potência transformadora.

As análises iniciais revelam que muitos docentes constroem suas práticas inclusivas a partir de saberes experienciais, improvisações pedagógicas e estratégias individuais, sem apoio institucional sistematizado. Essa realidade reforça a ideia de que a inclusão, na EJA, ainda se organiza mais como esforço individual do professor do que como política coletiva da escola e da rede de ensino.

Observa-se também a presença de tensões entre os princípios da educação inclusiva e as condições concretas de funcionamento da EJA, como a organização do tempo escolar, a rotina noturna dos estudantes, a ausência de estruturas adequadas de atendimento educacional especializado e a insuficiência de recursos pedagógicos acessíveis. Essas condições produzem limites objetivos à implementação de práticas inclusivas, mesmo quando há intencionalidade pedagógica por parte dos docentes.

As categorias analíticas em construção apontam para a centralidade da formação situada, colaborativa e contextualizada como estratégia potente para a transformação das práticas pedagógicas. Processos formativos construídos no interior da escola, baseados no diálogo entre pares, no planejamento coletivo e na reflexão sobre a prática, apresentam-se como caminhos promissores para o fortalecimento da inclusão na EJA. Dessa forma, a pesquisa aponta para a necessidade de deslocar a lógica da formação transmissiva para modelos formativos participativos, dialógicos e enraizados no cotidiano escolar.

Conclusões

Os resultados parciais indicam que a formação docente constitui um elemento central para a consolidação de práticas pedagógicas inclusivas na EJA. Evidencia-se a existência de lacunas formativas, fragilidades institucionais e limites estruturais que impactam diretamente a efetivação da inclusão escolar. A pesquisa aponta que processos formativos situados, colaborativos e contextualizados fortalecem o desenvolvimento de práticas inclusivas e contribuem para a construção de uma cultura escolar mais democrática e inclusiva.

Palavras-chave: Formação de professores; Inclusão escolar; Escolarização de adultos; Práticas educativas; Diversidade educacional.

Referências

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BUENO, O. M.; OLIVEIRA, R. C. S. Atendimento Educacional Especializado para estudantes com deficiência intelectual na Educação de Jovens e Adultos: vozes da pesquisa científica na área (2008-2020). Revista Educação Especial, v. 35, p. 1-26, 2022.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.

HAAS, C. A transversalidade da Educação Especial na Educação de Jovens e Adultos: desafios para a efetiva inclusão escolar. Revista Momento: Diálogos em Educação, v. 33, n. 2, p. 27-55, 2024.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

OTALARA, A. P.; DALL'ACQUA, M. J. C. Formação de professores para alunos público-alvo da educação especial: algumas considerações sobre limites e perspectivas. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 11, n. esp. 2, p. 1048-1058, 2016.